

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS

ROSEMEIRE COIADO

**O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NAS AULAS DE
GEOGRAFIA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

LONDRINA - PR

2013

ROSEMEIRE COIADO

**O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NAS AULAS DE
GEOGRAFIA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Monografia de Especialização apresentada a Diretoria de Pesquisa e Pós Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Educação de Jovens e Adultos”.

Orientadora: Profa. MSc. Claudia Barbeta

LONDRINA - PR

2013

Esta pesquisa é dedicada aos professores de geografia que trabalham na Educação de Jovens e Adultos pela colaboração ao responderem o questionário, aos professores da especialização e aos meus amigos, que de alguma forma contribuíram para que eu atingisse o meu objetivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, presença constante em minha vida, à minha mãe e irmão pelo incentivo dado nas horas de desânimo e a minha orientadora pela força, atenção e paciência.

COIADO, Rosemeire. Compartilhamento da informação e do conhecimento em bibliotecas especializadas. 2005. 117 f. **Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos) Câmpus UTFPR Londrina, 2013**

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com professores de geografia que trabalham na rede estadual de ensino na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, com o objetivo de entender a atuação desses professores em relação à importância das tecnologias em suas aulas, qual a contribuição delas para o processo de ensino/aprendizagem, e as mudanças ocorridas na vida dos alunos devido a sua utilização. Inicialmente foi elaborado um instrumento de coleta de dados e selecionado os professores para responderem o questionário que diz respeito tanto aos alunos quanto aos professores que trabalham na educação de jovens e adultos. Como resultado, concluiu-se que cabe à escola e aos educadores oportunizar mais acesso a esses recursos, pois os adolescentes utilizam a tecnologia mais para comunicação e nem sempre assimilam os conteúdos ministrados, e os adultos apresentam dificuldades para acompanhar os avanços tecnológicos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Tecnologia, Ensino.

ABSTRACT

This study was conducted with geography teachers working in state schools with the modality of Youth – Adults Education seeking to know about the use of technology in their classes , how they contribute to the process of teaching / learning and the effect of these changes on student lives. The objective was to analyze the use of technological resources that geography teachers who work with youth- adult student education and are in different age groups make use of . We believe it is the school and teachers responsibility to provide students with access to those resources because adolescents use technology for communication and only adults have difficulties to follow the technological advances. It was developed an instrument to collect data to confirm if the teachers of this subject use technological resources in their classes and what contribution they have brought to the process of teaching and learning.

Key words: Youth-adult education; Technology; teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEEBJA – Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
CNE – Conselho Nacional de Educação
CEB- Câmara de Educação Básica
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais
EaD – Educação a Distância
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA- Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
FNEP- Fundo Nacional de Ensino Primário
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização
ONU – Organização das Nações Unidas
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PROEJA- Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade da Educação de Jovens e Adultos
SEA- Serviço de Educação de Adultos
SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SESI - Serviço Social da Indústria
SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SIG – Sistema de Informações Geográficas
TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de atuação na EJA	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 2 - Assimilação do conteúdo trabalho com utilização de recursos tecnológicos.	38
Gráfico 3 - Tecnologias utilizadas nas aulas de Geografia	39
Gráfico 4 - Recursos utilizados pelos alunos para realização de uma pesquisa bibliográfica	39
Gráfico 5 - Colaboração das Diretrizes Curriculares na melhoria da prática pedagógica.....	40
Gráfico 6 - Participação em cursos sobre as TIC	40
Gráfico 7 - Acompanhamento das mudanças tecnológicas por parte dos alunos	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS	11
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3.1	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	12
3.2	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	16
3.3	EIXOS ARTICULADORES DO CURRÍCULO NA EJA: CULTURA, TRABALHO E TEMPO	20
3.4	AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS OCORRIDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	22
3.5	O ENSINO DA GEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	26
3.5.1	Os Vídeos Online no Ensino de Geografia	33
4	METODOLOGIA.....	36
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45
	ANEXO.....	49

1 INTRODUÇÃO

A discussão a respeito dos impactos das novas tecnologias de informação e comunicação na sociedade parece ser redundante. Afinal, há diversos estudos e pesquisas que abordam os avanços tecnológicos e suas consequências sobre o modo de viver do homem moderno, assim como sua maneira de relacionar-se com o outro e com/no mundo (LEVY, 1999; MORAN, 1995; PERRENOUD, 2000). A escola, imersa nessa sociedade, não pode ficar alheia a essas discussões. As transformações ocorridas nesse contexto social, em consequência de novas perspectivas de criação colaborativa e de aprendizagem, provocam um redirecionamento das práticas pedagógicas. Percebe-se, portanto, a necessidade de rever os fundamentos teóricos e a prática pedagógica da escola que se insere em uma maneira diferente de ler e escrever, especialmente no que se refere à utilização das mídias¹.

Desse modo, para Bedoya e Teixeira (2008), os estudantes da EJA procuram na escola, através da leitura, da escrita e do conhecimento sistematizado, entender melhor os grupos sociais em que estão inseridos, cabendo ao professor que trabalha com essa modalidade contribuir para que se tornem cidadãos conscientes do seu papel na sociedade.

Nesse contexto, o desafio do profissional da educação, particularmente aquele que trabalha com alunos da EJA é encontrar meios para orientar o aluno a entender as informações que permeiam o mundo digital, transformando-as em conhecimento de forma responsável. É esse desafio que vem ao encontro das palavras de Freire (2002), ou seja, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos, mulheres e homens perceberam que era possível trabalhar métodos de ensinar.

Segundo Arroyo (2006), para que o aluno da EJA tenha uma educação de qualidade e seja inserido no mercado de trabalho, é necessário que os órgãos governamentais entendam que esse público apresenta particularidades, que para

¹ “O termo mídias no plural visa pôr em relevo os traços diferenciais de cada mídia, para caracterizar a cultura que nasce nos intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação” (SANTAELLA, 1992, p.138)

serem sanadas não basta apenas aproveitar os profissionais de outros níveis de ensino, mas sim ofertar uma formação educacional específica para os professores.

Assim, ao trabalhar Geografia com jovens e adultos, como em qualquer outra modalidade de ensino, torna-se preciso mostrar que os conteúdos propostos devem estar próximos de sua realidade, levando o educando a compreender o mundo em que vive em todas as escalas geográficas, tornando-se consciente das relações com a sociedade.

2 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem como objetivo entender a atuação do professor nas aulas de Geografia em relação à importância das tecnologias, bem como as transformações ocorridas no processo de ensino/aprendizagem devido a sua utilização.

Esse propósito estará norteado pelos seguintes objetivos específicos:

- Pesquisar junto aos professores de geografia da EJA a utilização dos recursos tecnológicos em suas aulas;
- Identificar que recursos utilizados pelos alunos oferecem maior contribuição para as aulas e na realização dos trabalhos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (1996), o conceito da educação básica de jovens e adultos possibilita ao educando ler, escrever e compreender a língua nacional, ter o domínio dos símbolos matemáticos, dos conhecimentos essenciais das ciências sociais e naturais, e o acesso aos meios de produção cultural, entre os quais o lazer, a arte, a comunicação e o esporte. Entretanto, a maioria dos jovens da EJA são alunos que não permaneceram no ensino fundamental e, apesar do acesso de todas as crianças à escola, ainda não há qualidade às redes para garantir a permanência e a aprendizagem.

Miguel Arroyo afirma que

[...] a EJA tem uma história muito tensa, pois é atravessada por interesses diversos e nem sempre consensuais. Os olhares conflituosos sobre a condição social, política e cultural dos sujeitos aos quais se destina esta oferta educativa têm condicionado as diferentes concepções de educação que lhes é oferecida (2001,p.10).

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da educação que busca atender aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir os estudos no ensino fundamental e no ensino médio. Dessa forma, ao dar acesso à escolarização a essas pessoas, busca-se, também, reconhecer a educação como direito humano fundamental para a constituição de jovens e adultos autônomos, críticos e ativos frente à realidade em que vivem.

Atualmente a idade mínima para frequentar a EJA é 15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental, e 18 (dezoito) para o Ensino Médio. No Art. 22 LDB 9.394/1996, está prevista a Educação de Jovens e Adultos – EJA, classificada como parte integrante da Educação Básica. E, assim como a educação regular, é dever do governo disponibilizar educação de jovens e adultos, contudo, também existem instituições privadas, autorizadas a atender esta modalidade de ensino.

Nesse cenário, sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso do aluno às turmas de EJA. Por isso, o professor da educação de jovens e adultos deve, também, ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno. O perfil do professor é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno jovem e adulto que vê seu professor como um modelo a seguir.

Nos dias atuais, é fundamental que o professor procure soluções para as dificuldades encontradas no ambiente escolar. A partir disso não podemos esquecer as experiências vividas pelos alunos do ensino fundamental e trazidas para o ensino médio. As problemáticas do processo de ensino-aprendizagem devem ser minimizadas com práticas alternativas para trabalhar os conteúdos, particularmente os que envolvem a disciplina de Geografia. Uma dessas práticas é o uso dos recursos tecnológicos e a possibilidade de trabalhá-los da melhor maneira possível.

Atualmente as tecnologias na escola são muito necessárias, pois o uso dessa ferramenta está presente no cotidiano da sociedade moderna e as pressões por mudanças são cada vez maiores. Percebe-se que os alunos, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, têm mais facilidade quanto ao uso dos recursos tecnológicos.

Curto (2009, p. 2) defende que “a utilização do computador em sala de aula configura-se como um recurso valioso para o tratamento da diversidade constitutiva da realidade em que vivemos e para o trabalho com vários letramentos de forma crítica e ativa.” Entretanto, como os alunos de EJA são adolescentes e adultos, com idades diferentes, o trabalho do professor também deve se dar de forma diferente.

Nesse contexto, então, o educador de jovens e adultos torna-se a mola propulsora para que esse aluno construa o conhecimento de modo a ser capaz de fazer leitura do mundo com autonomia. Devem, pois, buscar novos métodos, novas estratégias que ajude seus alunos no processo de aprendizagem (BOVO, 2002).

Diante disso, há um esforço coletivo de compreender a relação escola-sociedade em permanente transformação: sempre que a sociedade sofre mudança, as formas assumem novas funções. Para Souza (2007), a EJA deve construir uma identidade própria, equivalente ao ensino regular e não apenas repor os anos de

escolaridade perdidos. Para isso, o autor defende a reorganização curricular, a flexibilidade na metodologia, propondo modelos de atendimento diferenciados, respeitando as características dos alunos. O contexto cultural do aluno deve ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando assim, o desinteresse e o alto índice de evasão. Essa modalidade tem de assumir como princípio o mundo do trabalho, considerando duas vertentes: a do questionamento das relações que engendram e a da instrumentalização para exercer a atividade laboral.

Assim, a educação básica de jovens e adultos deverá correlacionar essas duas vertentes ao mesmo tempo em que se desenvolve o domínio de um conhecimento crítico para questionar a realidade e transformá-la. Uma das especificidades da EJA é promover a flexibilidade na metodologia, na organização curricular, tendo em vista as características culturais, sociais e econômicas dos alunos propondo modelos de atendimento que atendam às diferentes necessidades, respeitando as características do aluno trabalhador.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996 (LDB), foi reafirmado o direito das pessoas jovens e adultas a se inscreverem na modalidade da Educação Básica.

Seção V – Da Educação de Jovens e Adultos **Art. 37.** A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições **2º** O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. **Art. 38.** Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. **1º** Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I – no nível de conclusão do ensino fundamental para os maiores de quinze anos; II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Como a LDB não foi específica, coube ao Conselho Nacional de Educação (CNE) criar normas sobre a duração mínima dos cursos e a idade mínima de ingresso, bem como fixar as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos.

O sucesso de um programa de educação de jovens e adultos é facilitado quando o educador é do próprio meio. Um programa de educação de adultos, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida.

Diante disso é muito importante a capacitação dos professores em didática e pedagogia, além dos estudos em sua área de formação.

Atualmente tem se estudado muito sobre a Andragogia, ciência que estuda o adulto e como ele age em determinadas situações da vida, proporcionando uma chance para que o adulto que resolva participar das atividades educativas, tenha um ambiente de aprendizagem adequado. Entretanto, é importante que o adulto queira aprender algo novo e não o faça por fazer.

Tabela 1 – Estudo realizado pelo Serviço Social da Indústria (SESI)

Características da Aprendizagem	Pedagogia	Andragogia
Relação Professor/aluno	O que mais importa é a experiência do professor e o conteúdo a ser ensinado. O saber do aluno não tem utilidade nenhuma	O adulto quando vai a uma escola, vai porque tem necessidade. Ele traz uma bagagem de conhecimentos e são através deles, que o professor poderá trabalhar a forma mais adequada de ensino.
Motivos da Aprendizagem	O aluno deve aprender aquilo que o professor passar	O adulto quer aprender aquilo que lhe interessar, o que precisam saber, para fazer na sociedade
Motivação	O aluno é motivado através de classificações escolares, apreciações do professor, estímulos.	O adulto aprende algo novo para sua motivação, exigindo clareza em todos os conhecimentos adquiridos, motivando-o numa aprendizagem interativa

Fonte: Oliveira, 1999

Diante do exposto, vejamos algumas características especiais da aprendizagem dos adultos:

- a) Conhecimento útil - O aluno adulto deve receber conhecimentos que sejam aplicáveis em sua vida, auxiliando-o a fazer novas considerações e a resolver seus problemas de maneira adequada.
- b) A Experiência – As diferenças individuais das pessoas vão se juntando com a idade. A experiência é um recurso essencial para a aprendizagem do adulto.
- c) Funcionamento psicológico – Para se desenvolver uma atividade com o adulto é preciso ter uma metodologia didática apropriada.

Assim, existem algumas condições de aprendizagem de adultos que encontramos atualmente:

- a) Formação de equipes heterogêneas de acordo com : interesses, experiências e idade.
- b) Os objetivos são selecionados e os interesses são pela ascensão ao trabalho.
- c) Os alunos apresentam insegurança diante das críticas e uma preocupação pelo fracasso.
- d) O peso de aprendizagens desanimadoras e a busca por novas alternativas.

3.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Desde a colonização do Brasil, por Portugal, a preocupação com a escolarização dos adultos é notada. Apesar da denominação “Educação de Jovens e Adultos” ser recente, a preocupação por essa educação é demonstrada pelos portugueses, ao alfabetizar e doutrinar os índios para a conversão da fé católica, por intermédio dos padres Jesuítas. Lopes e Sousa afirmam que:

Inicialmente a alfabetização de adultos para os colonizadores, tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem

cumprir as tarefas exigidas pelo Estado (2010, p. 3).

Nesse cenário, então, a ideia de adotar uma política colonizadora por meio da conversão dos indígenas no Brasil colonial, permitiu aos jesuítas desempenhar o papel de principais promotores e organizadores do sistema de educação.

À medida que os trabalhos de campanhas de erradicação do analfabetismo mudavam de objetivo, os sujeitos atendidos foram mudando. No contexto republicano da história do Brasil, por exemplo, pela Constituição Federal de 1891, somente podiam votar os eleitores alfabetizados e a escolarização tornou-se um critério de ascensão social.

Em 1930, iniciava-se um movimento contra o analfabetismo, valorizando-se o domínio da leitura e da escrita frente ao acelerado processo de urbanização do país.

Na década de 40, a EJA começa a ter mudanças favoráveis, com políticas públicas voltadas para essa modalidade, ganhando espaço no pensamento pedagógico e na política educacional brasileira.

A partir de 1946, entra em funcionamento o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), que destinou 25% dos recursos ao ensino da população adulta analfabeta.

A herança legada pelas experiências de educação de jovens e adultos inspiradas no movimento de educação popular não é apenas digna de ser lembrada e incorporada, quando pensamos em políticas e projetos de EJA, mas continua tão atual quanto nas origens de sua história, nas décadas de 50 e 60, porque a condição social e humana dos jovens e adultos que inspiraram essas experiências continua atual [...] em tempos de exclusão, miséria, luta pela terra, pelo teto, pelo trabalho, pela vida, porque a realidade vivida pelos jovens e adultos populares continua radicalmente excludente (ARROYO, 2001, p. 11).

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi criado em 1968, com uma proposta pedagógica que dava importância a um modelo industrial - urbano com padrões capitalistas. Com o Parecer 11/2000, do CNE (Conselho Nacional de Educação), os cursos supletivos e os exames com certificação passaram a ser regulamentados. Em 17 anos de atuação, o Mobral esteve presente em todos os estados do país.

Em 1985, o Mobral foi extinto e substituído pela Fundação Educar. Iniciou-se uma descentralização dos recursos concentrado no Ministério da Educação e Cultura (MEC), em torno das políticas educacionais.

Com a Constituição Federal de 1988, a EJA passou a ser um direito para construção de uma cidadania plena, ofertando a população que está fora da faixa etária a escolaridade perdida.

Na década de 90, foram implantados projetos de escolarização aos adolescentes em privação de liberdade nas unidades penitenciárias na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Ainda na década de 1990 foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9394/96, na qual a Educação de Jovens e Adultos passa a ser considerada uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio e com especificidade própria. Sendo assim, a Câmara de Educação Básica (CEB) delibera sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais propostas pelo Ministério da Educação. Aos estabelecimentos que venham ofertar a EJA, sob a forma presencial e semi-presencial, essas diretrizes são obrigatórias, significando a garantia da base nacional comum e referência no reconhecimento do curso. De acordo com o artigo 9º III da LDB, é responsabilidade da União prestar assistência financeira e técnica aos Estados e Municípios para o desenvolvimento dos sistemas de ensino e à escolaridade obrigatória, tendo eles autonomia para o estabelecimento de uma normatividade própria.

A maioria dos Estados apresenta no artigo 208 de suas Constituições, a necessidade de um Plano Estadual de Educação do qual constam a universalização do ensino obrigatório e a erradicação do analfabetismo.

Em 2000, o Conselho Nacional de Educação (CNE) elaborou as Diretrizes Curriculares para a EJA, um trabalho coletivo que contou com a participação dos professores dessa modalidade de ensino, trazendo uma discussão sobre a função social da EJA, o perfil dos educandos e algumas orientações teórico-metodológicas e avaliativas.

No ano de 2004, o Ministério da Educação (MEC) reuniu a gestão dos programas de apoio à alfabetização e ensino fundamental de jovens e adultos em uma nova Secretaria de Educação Continuada (SECAD) e instituiu uma comissão nacional para consulta aos municípios, estados e organizações da sociedade civil.

Em 2005, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do MEC começa a desenvolver dois programas voltados à EJA. O primeiro é a Escola de Fábrica, que consiste em receber recursos do Governo Federal para abertura de salas de aula em empresas e se destina à capacitação profissional de jovens de 16 a 24 anos, que não concluíram o ensino básico. O segundo é o Programa de Integração da Educação Profissional ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) que consiste na reserva de um percentual mínimo de vagas para jovens e adultos na rede federal de educação profissional e tecnológica e na oferta para esse público de ensino fundamental e médio articulados à formação profissional básica ou técnica, com metodologias e currículos apropriados. O Proeja registrou cerca de sete mil matrículas entre 2006-2007. A partir de 2006, com a proposta curricular da Educação de Jovens e Adultos, a matrícula do educando passa a ser feita por disciplina e pode ser de organização coletiva ou individualmente. Os conteúdos estruturantes da EJA são os mesmos do ensino regular, nos níveis fundamental e médio, com metodologias diferenciadas, considerando as especificidades dos educandos da EJA.

Se caminarmos no sentido de que se reconheçam as especificidades da educação de jovens e adultos, aí sim teremos de ter um perfil específico do educador da EJA e, conseqüentemente, uma política específica para a formação desses educadores (ARROYO,2006, p.21).

Todo ano o Ministério da Educação e Cultura realiza o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Por meio desse exame, pode-se avaliar o desempenho dos alunos que não tiveram acesso à escolaridade regular na idade própria e também contribuir para o desenvolvimento de melhores políticas públicas nessa modalidade.

Quanto às políticas públicas do Estado do Paraná, houve mudanças relevantes nas escolas da rede pública com a instalação de televisores multimídia (televisores de 29 polegadas com entrada para VHS, DVD, cartão de memória, *pen drive*, saídas para caixas de som) e laboratórios de informática, com o Programa Paraná Digital que proporciona aos alunos e professores acesso ao portal Dia-a-dia Educação, contribuindo assim para o processo de ensino aprendizagem.

3.3 EIXOS ARTICULADORES DO CURRÍCULO NA EJA: CULTURA, TRABALHO E TEMPO

No processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) para a Educação de Jovens e Adultos, identificaram-se os eixos **Cultura, Trabalho e Tempo** como articuladores de toda ação pedagógico-curricular.

Segundo Vasconcelos (1994), as “novas idéias abrem possibilidades de mudanças, mas não mudam o fazer pedagógico, o que muda a realidade é a prática”.

A cultura é o elemento de mediação entre o homem e à sociedade e é, também, o intermediário entre a sociedade e a formação do indivíduo (ADORNO, 1996). A cultura compreende,

[...] desde a mais sublime música ou obra literária, até as formas de destruir se a si mesmo e as técnicas de tortura, a arte, a ciência, a linguagem, os costumes, os hábitos de vida, os sistemas morais, as instituições sociais, as crenças, as formas de trabalhar (SACRISTÀN, 2001, p.105).

Desse modo, segundo as DCE, a cultura inclui também, o trabalho e todas as relações que ele perpassa. O trabalho compreende, assim, uma forma de produção da vida material a partir da qual se produzem distintos sistemas de significação. A compreensão das contradições inerentes ao processo da divisão social do trabalho possibilitará ao educando da EJA melhor entendimento de sua relação com o mundo do trabalho e demais relações sociais.

Outro eixo articulador é o tempo, esse período que o educando participa da EJA tem valor próprio e significativo e, portanto, a escola deve superar o ensino de caráter enciclopédico, centrado mais na quantidade de informações do que na relação qualitativa com o conhecimento.

Assim, o tempo dos educandos da EJA é definido pelo período de escolarização bem diversificado, tendo em vista a especificidade dessa modalidade de ensino que considera a disponibilidade de cada um para dedicação aos estudos.

Considerando os três eixos articuladores que fundamentam as Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos no Estado do Paraná, as orientações metodológicas estão direcionadas para um currículo do tipo disciplinar,

que não deve ser entendido como na pedagogia tradicional, que fragmenta o processo de conhecimento e o hierarquiza nas disciplinas escolares.

Desta forma, a Lei n. 9394/96 incorpora uma concepção mais ampla e abre outras perspectivas para a Educação de Jovens e Adultos, desenvolvida na pluralidade de vivências humanas.

Conforme aponta o artigo 1º da Lei vigente:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Ainda segundo as DCE, compreender o perfil do educando da educação de jovens e adultos requer conhecer a sua história, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Entre esses fatores, destacam-se: o ingresso prematuro no mundo do trabalho, a evasão ou a repetência escolar. Esses estudantes buscam através da escola, novas oportunidades no mercado de trabalho, procurando garantir seus direitos, participar de forma ativa de uma sociedade cada vez mais seletiva.

Essas experiências de vida são significativas e devem ser consideradas na elaboração do currículo escolar, o qual tem uma metodologia diferenciada porque apresenta características distintas do ensino regular.

Diante desse contexto, é importante lembrar que mesmo que um grande número de pessoas tenham acesso às novas tecnologias, ao mesmo tempo, esse número não é o mesmo quando se fala em apropriação desses recursos, a grande maioria dos alunos dessa modalidade ainda não tem condições de adquirir um computador.

Em síntese, o atendimento a jovens e adultos não se refere somente a uma característica etária, mas à diversidade sociocultural de seu público, composto por populações do campo, em privação de liberdade, indígenas, entre outros, que demandam uma educação que considere o tempo, os espaços e a sua cultura.

3.4 AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS OCORRIDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O termo tecnologia envolve o conhecimento técnico e científico e as ferramentas, processos e materiais criados e utilizados a partir de tal conhecimento. O fato da integração da tecnologia exigir uma mudança de práticas de ensino, grande parte dos professores não estão disponíveis a fazer.

Chauí (2000), quando fala em ciências e tecnologia, usa o termo “segunda revolução industrial”. Para a pesquisadora o uso das novas tecnologias vem incrementar o raciocínio, pois muitas vezes podem-se usar máquinas no lugar da própria memória.

Segundo Perfeito (2007), uma das principais características da sociedade do início deste século é a intensidade das transformações. A globalização da economia, os avanços da tecnologia e das comunicações têm promovido grandes mudanças na sociedade. Testemunhamos, então, novas tecnologias inserindo-se nos diversos setores da economia e da sociedade. Na medicina, por exemplo, avanços tecnológicos trazem consigo diagnósticos e tratamentos eficientes, proporcionando a prevenção ou a cura de doenças antes consideradas irremediáveis. As tecnologias aplicadas na indústria e na agricultura impactaram diretamente na economia e nas relações de trabalho. No cotidiano das pessoas, essas inovações (televisão digital, *tablets*, *smartphone*, *iphone*, *ipod*, *ipad*, *entre outros*) estão presentes, propiciando conforto e agilidade nas variadas tarefas.

Nesse cenário, as práticas educacionais parecem ainda estar chegando atrasadas. Para Gadotti (2008), a escola ainda trabalha com recursos tradicionais que não têm apelo para as crianças e jovens. O autor postula que é preciso mudar profundamente os métodos de ensino desenvolver no indivíduo a capacidade de pensar, em vez de desenvolver a memória. “A função da escola será, cada vez mais, a de ensinar a pensar criticamente. Para isso é preciso dominar mais metodologias e linguagens, inclusive a linguagem eletrônica” (Gadotti, 2008, p. 5). Dessa forma, computadores, internet, *datashow*, devem ser usados como forma de facilitar o aprendizado e de estimular o aluno a estudar.

Há de se considerar também que, com o passar do tempo, as inovações acontecem e a educação tem que acompanhar essas mudanças. Ela é um processo permanente, onde as alternativas encontradas estão sendo a educação continuada e a EaD, que tem sido apontada como solução para as carências educacionais. Para acompanhar essas mudanças, é necessária, sempre que possível, a realização de capacitações de formação tecnológica, orientando docentes a respeito do uso desses recursos tão importantes no processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, não podemos correr o risco de excluir ainda mais os alunos da EJA, primeiro por não terem escolarização e segundo porque muitos estão desconectados dessa nova realidade social. A escola deve proporcionar sempre que possível, o acesso ao computador ligado à internet, aos modos de armazenamento de informações entre outras habilidades, porque a maioria dos alunos que frequentam aulas da EJA utilizam só os computadores da escola e se aprenderem a realizar suas tarefas, perceberão a importância que o equipamento terá em suas vidas.

Assim, o sucesso da educação dos jovens e adultos vai depender de como esses alunos dominam as novas tecnologias e da interação entre professor-aluno. Na atualidade o que vemos são salas heterogêneas, tanto pela faixa etária como pela facilidade ou dificuldade de assimilação dos conteúdos. O professor passa a matéria de forma coletiva, porém necessita trabalhar individualmente com cada aluno.

Com os impactos tecnológicos, a organização das relações sociais também se altera, os alunos buscam a integração em salas de aulas presenciais ou em ambientes virtuais para melhorar suas condições de trabalho.

Conforme aponta Almeida (2001), a discussão sobre novos currículos e práticas educacionais torna-se fundamental nesse cenário, pois de nada adiantaria trocar a roupa de velhas práticas. Portanto, a inserção das tecnologias da informação e comunicação – presencial ou à distância – é entendida em conjunto com novas oportunidades para se repensar os currículos e traduzir novas práticas à luz da discussão de novas aprendizagens.

A terminologia Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da

informação por meios eletrônicos e digitais, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros, e esses avanços tecnológicos também estão inseridos nos recursos de ensino. Segundo Moran (2004,p. 245):

A Internet e as novas tecnologias estão trazendo novos desafios pedagógicos para as universidades e escolas. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula equipada e com atividades diferentes, que se integra com a ida ao laboratório conectado em rede para desenvolver atividades de pesquisa e de domínio técnico-pedagógico.

O uso de ferramentas educacionais vem contribuir para o desenvolvimento do raciocínio, proporcionando novos aprendizados e a superação de novos desafios.

Contudo, a utilização da Internet, de um processador de texto (nas funções mais elementares) e a realização de operações básicas no computador (como criar pastas e copiar ficheiros) encontram-se entre as competências adquiridas mais frequentes. Como era de se esperar, é em nível das competências menos elementares que se colocam os principais problemas. Muitos indivíduos adquiriram habilidades que apenas lhes permitem realizar tarefas repetitivas, não sendo capazes de enfrentar outras situações para além de rotinas instaladas. Além disso, programas de utilização menos frequentes (mas cada vez mais necessários na vida quotidiana), como os que permitem a organização e gestão de informação numa folha de cálculo, tendem a ser dominados apenas por aqueles que os usam no âmbito da atividade profissional.

Kenski (2002) considera que a motivação dos alunos pode aumentar quando o professor constrói um clima de confiança, abertura e cordialidade, o que, em última instância, depende do modo como as tecnologias são percebidas e usadas. A internet é um instrumento que pode facilitar a mediação, uma vez que oferece informações abundantes para o processo de conhecimento.

Não é preciso ir muito longe para afirmar o que diversos estudos confirmam: que os hábitos dos jovens de hoje são muito diferentes daqueles dos seus pais e professores. Eles vêm sendo chamados de “nativos digitais”, que aderem de maneira transparente e automática às tecnologias emergentes, enquanto os adultos são chamados de “migrantes digitais”, aqueles que precisam adaptar-se às novas ferramentas e novas formas de fazer as coisas. No âmbito educacional, já

se notam os reflexos no ensino fundamental e médio da chegada dos nativos digitais em seus ambientes educacionais. Nossa escola formal e presencial, em sua maioria, ainda faz pouco investimento no que se refere aos aparatos tecnológicos e sua aplicação nas atividades de ensino, seja pelo aspecto financeiro ou pouco conhecimento de sua utilização, ou seja pelo pouco preparo de um dos principais personagens no processo: o professor, imigrante digital.

Desse modo, nós professores temos que nos adaptar, fazendo uso adequado das novas tecnologias, caso contrário ficaremos a margem da construção coletiva. Como tecnologias da educação antigas ou atuais podemos identificar o livro didático, o quadro negro, giz, apagador, caderno, borracha, mimeógrafo, cartazes. Já entre as mídias aplicadas a educação estão a TV, aparelho de DVD, rádio, aparelhos de som, computadores, projetores, retroprojetores, jornais, revistas e as novas tecnologias de informação e comunicação como as câmeras digitais, celulares, computadores portáteis, *netbooks*, *tablets*, *ipads* e TVs digitais, *smartphones*, Internet, *blogs*, *pen drives*.

A mediação das atividades desenvolvidas em sala da aula depende da contribuição que o professor oferece, mostrando a importância das experiências vividas em relação aos conteúdos trabalhados, visto que os alunos têm oportunidades diferentes e na Geografia, os recursos midiáticos assumem um papel desafiador, dependendo da abordagem feita pelo professor.

Conforme Tagnin (2008), nossos jovens não chegaram a conhecer um mundo sem videogames, e-mail e mensagens instantâneas. Observe a seguir uma tabela de comparação entre as preferências dos estudantes nativos digitais e as dos professores imigrantes digitais.

Tabela 2 - Preferências quanto ao uso dos recursos tecnológicos

Estudantes nativos digitais preferem:	Professores imigrantes digitais preferem:
Receber rapidamente informação de múltiplas fontes.	Transmissão de informação de forma lenta e com recursos a fontes limitadas como as aulas e os manuais escolares.
Realizar múltiplas tarefas em simultâneo (estudar, ouvir música, enviar mensagens).	Realizar uma tarefa de cada vez.
Aprender através de vídeos, imagens e sons em vez de textos.	Ensinar recorrendo ao texto do manual escolar
Preferem chegar à informação de forma aleatória, explorando os hiperlinks de modo livre e caótico	Seguir o programa da disciplina e transmitir a informação de forma lógica e sequencial.
Estar conectados e interagir com muitas pessoas, em simultâneo.	Que os estudantes trabalhem sozinhos.
Aprender “just-in-time”.	Ensinar “just-in-case”.
Ser gratificados instantaneamente e receber prémios imediatos.	Adiar as gratificações e os prémios para o final do período ou do ano letivo.
Ser orientados para o jogo, preferindo ter o que é relevante, imediatamente útil e divertido.	Ser orientados para o trabalho, ao programa e a fazer os testes de avaliação.

Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/Estudantes-Nativos-Digitais>- Prensky,2001

Nós educadores estamos diante de dois desafios, de um lado, concorrer com os aparelhos eletrônicos disponíveis para os nossos alunos em casa como a internet e o celular. De outro, a utilização das tecnologias como a *TV pen drive*, e os computadores, em disponibilidade nas escolas, sendo utilizadas no processo ensino-aprendizagem. Despertar o interesse pelo assunto trabalhado por meio dessas metodologias é um avanço que deve ser alcançado por todos os envolvidos no processo. Assim, o uso das tecnologias passa a configurar uma realidade por meio da ampliação da rede de inovações tecnológicas e da melhoria da qualidade da Educação para todos.

3.5 O ENSINO DA GEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A Geografia pode contribuir muito para que os alunos da EJA entendam melhor o mundo que os cerca, contextualizando os conhecimentos em

sala de aula, proporcionando ao aluno orientar o seu olhar para os fenômenos ligados ao espaço reconhecendo-os não apenas a partir da dicotomia sociedade-natureza, mas tomando-os como produtos das relações que orientam seu cotidiano, definem seu “lôcus espacial” e o interligam a outros conjuntos espaciais (PCN, 1998).

Nessa perspectiva, um dos objetivos da Geografia é estabelecer relações entre o homem, a sociedade e o meio ambiente, analisando as mudanças que ocorrem em ambos, no decorrer da escala temporal e espacial, procurando estabelecer relações de compreensão para explicar a condição atual do contexto geográfico (BRISKI; LUZ, 2011).

No Paraná, existe um documento balizador dos currículos para as disciplinas ministradas nas escolas estaduais: são as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE), emitidas pela Secretaria de Estado da Educação (SEED). Segundo este documento, entre as práticas pedagógicas para o ensino de Geografia está a cartografia, que tem sido utilizada pelo professor como recurso didático. Por um bom tempo, durante a chamada Geografia tradicional, os mapas foram usados apenas para a localização dos lugares.

Em 1970, houve um distanciamento entre o ensino de geografia e a cartografia, onde tudo que era considerado “velho”, deveria ser descartado.

Em 1971, com a reforma da LDB foi introduzida a matéria Estudos Sociais no currículo das escolas primárias visando à substituição de Geografia e História. A implantação da disciplina Estudos Sociais, somada ao ensino da Educação Moral e Cívica, acarretou muitos problemas que podem ser detectados na escola de base ainda hoje (MARQUES, 2008, p. 205)

Segundo esse autor a Geografia fugia totalmente da ideologia imposta pelo governo da época. Nesse período, foi criada por Jânio Quadros a disciplina de Educação Moral e Cívica em todos os graus de ensino.

Na década de 80, volta-se a pesquisar sobre a linguagem cartográfica, reconhecendo a importância da leitura dos mapas e a compreensão de escala e legenda. Com isso, os mapas devem ser interpretados como se fossem textos, nos quais o aluno ao final do ensino fundamental deve ter noções básicas sobre este instrumento de localização. Vale lembrar que além dos recursos citados, a

tecnologia contribui com alguns ramos da Geografia, como a cartografia, na interpretação de mapas e outros materiais.

Assim, o espaço geográfico deve ser abordado como a integração entre a dinâmica do natural e do social, a partir de diferentes níveis de escalas. Desse modo, a cartografia deve ser trabalhada em todas as séries da Educação Básica, não só como conteúdo de uma única série.

Outro entendimento é o de que o papel básico do ensino de Geografia é proporcionar várias ferramentas para alfabetizar o aluno espacialmente em suas diversas escalas, a fim de auxiliá-lo no entendimento das noções de espaço, trabalhar no contexto escolar, os programas, os currículos, as atividades e recursos pedagógicos farão diferença se o professor planejar as atividades e selecionar material didático de forma que possam servir a objetivos mais amplos e importantes do que treinar, estereotipar o aluno no caminho que o professor estipulou como o único que pode chegar ao desejado (MANTOAN, 2004).

Ainda segundo este autor, “ensinar é, de fato, uma tarefa complexa e exige dos professores conhecimentos novos que muitas vezes contradizem o que lhe foi ensinado e o que utilizam em sala de aula”. Nesse sentido, pode-se entender que “da espontaneidade e da interação com os colegas da turma emerge o potencial de aprendizagem de cada aluno” (MANTOAN, 2004, p. 79 e 88).

Os homens vivem num espaço, situam-se nele, ocupam lugares. Esse espaço comumente é visto como algo estático, pronto e acabado, mas é resultado de uma dinâmica, é cheio de historicidade. A aparência é o resultado, num determinado momento, de coisas que aconteceram.

Com as novas tecnologias, o ensino de Geografia tem se tornado mais dinâmico, através do desenvolvimento do portal didático Geografia online, uma cartilha digital que disponibiliza vários serviços WEB e softwares de funcionalidade educacional, socializando digitalmente os professores de geografia, com a utilização interativa das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC).

O ensino de Geografia ao lado de outras disciplinas, contribui para a formação da cidadania, procura estabelecer a compreensão, os limites e as potencialidades da ciência e da contribuição da tecnologia, que através do serviço das redes auxilia na leitura da construção do espaço (TOMITA, 2012).

Ao trabalhar o conceito espaço geográfico, o professor inicia a tarefa de auxiliar os alunos a entender as diversidades e as mudanças que acontecem no espaço, tornando-o capaz de pensar esse espaço e perceber-se como parte integrante dele. Assim o aluno será capaz de interpretar os códigos específicos da geografia (mapas, gráficos, tabelas, imagens de satélite entre outros).

A geografia não pode ser um amontoado de assuntos, onde os temas são soltos, ou de difícil compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrição de lugares distantes ou de fragmento do espaço (CALLAI, 2003,p. 57).

A Geografia é uma ciência social, assim o aluno deve se perceber como parte do espaço que estuda e da sociedade em que vive. Nesse contexto, o aluno deve estar dentro do que está estudando e não ausente, cabendo ao professor fazer uma geografia que esteja relacionada com os alunos e não apenas com informações distantes da realidade. Desse modo, é preciso fazer uma seleção dos conteúdos a serem estudados, devido à quantidade dos mesmos. Observe a tabela que mostra as transformações do meio geográfico.

Tabela 3 - Mudanças tecnológicas ao longo do tempo

Período	Comunicação	Energia	Meios
Pré- agrícola	Linguagem oral e pictórica	Fogo	Instrumentos primitivos
Agrícola	Escrita Imprensa	Tração animal	Arado de ferro
Industrial	Telégrafo, Telefone Rádio, Cinema	Máquina a vapor Eletricidade	Máquinas avançadas Estradas de ferro Veículos motorizados
Atual	Televisão, Satélite, Computador, sistemas multimídia	Fissão atômica Baterias elétricas Laser	Transporte interplanetário, Robótica, Microeletrônica

Fonte: Gros (1996 p.140).

Fazer a leitura das imagens não é uma ação simples, ela deve ter como objetivo o desvendamento da imagem buscando o que está por trás dela. Desse modo, para nos comunicarmos, muitas vezes utilizamos uma imagem, que

são representações de um objeto real, por isso devemos estar atentos quando utilizamos imagens para serem trabalhadas nas salas de aula, pois elas são recursos metodológicos importantes para que os alunos assimilem melhor os conteúdos geográficos.

Um dos recursos didáticos que mesmo com os aparatos tecnológicos ainda é de grande importância e mais acessível aos alunos é o livro didático, que pode ser utilizado como complemento às atividades didático-pedagógicas tais como: observação de imagens, interpretação de textos, e elaboração de resumos. Entretanto os professores devem analisar os conteúdos dos livros didáticos, adequando a cada turma.

A partir de 1980, houve um aumento do fluxo de informações, ao mesmo tempo em que as pessoas estão se conectando mais, aumentaram também as desigualdades entre os povos, principalmente a econômica.

A disciplina de Geografia também acompanhou as transformações trazidas com a tecnologia, tornando-se indispensável conhecer o espaço de vivência.

De acordo com Léa Fagundes (2010), alguns programas como *Google Maps* e *Google Earth* permitem transitar por várias escalas, do local ao global, localizando as ruas, os bairros e ofertando oportunidades aos alunos que não existiam antes. É como se estivéssemos viajando por vários países, podendo fazer uma análise da hidrografia, da vegetação, do relevo, dentre outros aspectos geográficos. Além desses recursos temos o *Google Ocean* no qual é possível conhecer locais bem profundos dos oceanos e explorá-los e o *Google Sky* em que temos a exploração do espaço, com imagens de planetas, do Sol e da Lua.

Já os *Foursquares* identificam o local onde a pessoa está e permite compartilhamento com conhecidos, via *GPS* ou por triangulação das antenas.

Entre os programas de computador que facilitam o trabalho do professor estão o Microsoft Office, pacote de software para edição de texto (*Word*) planilhas (*Excel*), apresentações (*PowerPoint*). Muitos computadores que usam o sistema operacional *Windows* já vêm com o software instalado, mas é preciso adquirir a licença de utilização, pois é um *software* proprietário.

Já o Google Docs tem a vantagem de ser online, por isso não é preciso que o pesquisador leve o arquivo, bastando apenas acessar a versão gratuita do

Google para editar textos e fazer slides. Esta ferramenta permite que o conteúdo apresentado em aula apareça de forma organizada, servindo ainda de roteiro para o estudo do aluno.

Alguns métodos contribuem para o ensino da geografia tais como o geoprocessamento, o sensoriamento remoto e o sistema de informações geográficas:

- Geoprocessamento: conjunto de tecnologias voltadas a coleta e tratamento de informações espaciais para um objetivo específico, desde a coleta até os mapas convencionais, arquivos digitais, gerenciamento, manipulação e análise.
- Sensoriamento Remoto : nome atribuído aos métodos que utilizam tecnologias que detectam e avaliam os objetos.
- Sistema de Informações Geográficas (*SIG*): utilizado para capturar, armazenar, analisar e exibir informações referentes as relações de natureza geográfica. As características de um *SIG* são integrar informações espaciais de diferentes fontes, como dados cartográficos e imagens de satélite gerando mapas. A cartografia digital na geografia, com a utilização dos instrumentos tecnológicos, tem sido uma importante fonte de pesquisa pedagógica. Assim, a ciência geográfica está interligada com o dia a dia dos alunos contextualizando os conteúdos na construção do conhecimento geográfico, utilizando-se de programas como jogos educativos, *Movie Maker*, produção de textos e apresentações de trabalhos.

Veja a seguir algumas imagens aperfeiçoadas com o uso das tecnologias.

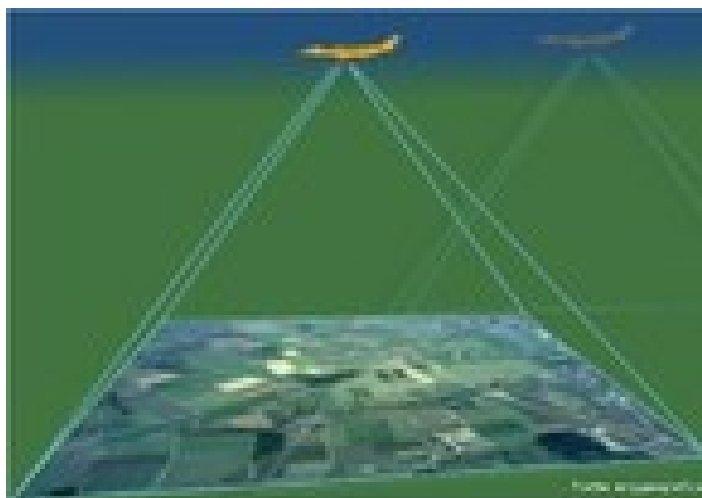


Figura 1 - Aerofotogrametria – Foto área de uma área agrícola
Fonte: Portal dia a dia educação



Figura 2 - Sensoriamento Remoto- A cor verde representa uma área de floresta conservada e rosa uma área derrubada
Fonte: Portal dia a dia educação

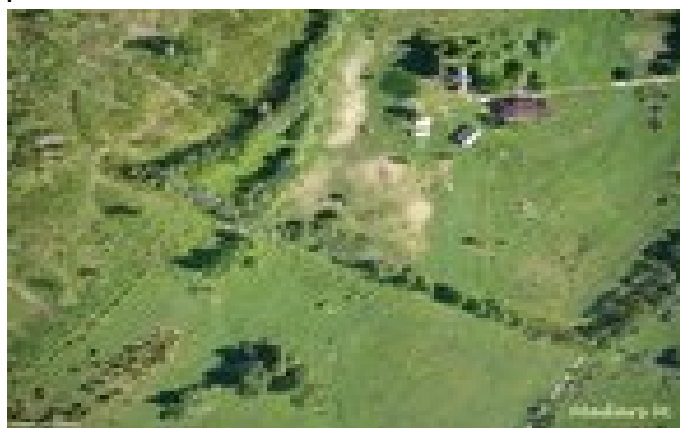


Figura 3 - Fotografia aérea - Área rural
Fonte: Portal dia a dia educação



Figura.4 – Sistema de Posicionamento Global - GPS
Fonte: Portal dia a dia educação

3.5.1 Os Vídeos no Ensino de Geografia

Na atualidade, os sites de exibição de vídeos são espaços virtuais em que se pode assistir a um vídeo pela Internet, possibilitando sua busca e integrando seus usuários. Os sites mais procurados são o *YOUTUBE* ou o *GOOGLE VÍDEOS*.

Por meio desses *sites* os alunos criam vídeos “caseiros” a respeito dos mais diversos temas dos conteúdos da Geografia, vídeos que tratem das

características das atividades econômicas da sua cidade, dos aspectos sociais do seu bairro, de uma feira realizada em sua escola, etc. Tudo isso pode ser armazenado no *YOUTUBE*, tornando essa produção de fácil acesso aos colegas.

Um site muito interessante para se trabalhar com vídeos é o Portal Curtas, que proporciona aos professores um espaço especial que incentiva os filmes de curta metragem como apoio pedagógico.

Assim, a utilização de vídeos na EJA não deve ser apenas para trabalhar um conteúdo do currículo, mas inserir o aluno nas transformações tecnológicas.

O vídeo é também escrita. Os textos, legendas, citações aparecem cada vez mais na tela, principalmente nas traduções (legendas de filmes). A escrita na tela hoje é fácil através do gerador de caracteres, que permite colocar na tela textos de vários tamanhos e com rapidez, fixando ainda mais a significação atribuída à narrativa falada (MORAN, 1997, p.1).

Os vídeos na EJA podem apresentar vantagens para o aprendizado dos alunos, por meio de uma linguagem mais dinâmica em relação às aulas normais. Esses alunos chegam cansados na escola, depois de trabalhar o dia inteiro, e se a aula não chamar a atenção, o desejo de aprender acaba em evasão.

Além dos vídeos, outro recurso que pode ser utilizado são os *blogs* onde os alunos podem armazenar informações, podendo ser atualizadas diariamente. Através dos *blogs*, os alunos podem discutir as atividades passadas em sala de aula encontrando textos e outros materiais de apoio para a disciplina de Geografia ou para projetos específicos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Geografia, a partir da exibição de um filme, da observação de uma imagem (foto, ilustração, *charge* entre outros), inicia-se uma pesquisa, assim o filme tem um papel estimulador, revelando as leituras estereotipadas sobre os lugares.

Além dos vídeos, temos outros recursos como os mapas conceituais, que são diagramas que indicam relações entre conceitos ligados por palavras, representando uma estrutura que vai desde os conceitos mais abrangentes até os menos inclusivos.

Com a globalização, houve uma revolução dos meios de comunicações, podemos acompanhar fatos de qualquer parte do mundo em tempo real. A informática invadiu repartições públicas, hospitais, escolas, bancos, lojas e

também nossas casas. Atualmente, percebemos uma variedade de práticas pedagógicas em geografia, com isso os alunos acabam seguindo modelos repetitivos, fazendo o que o professor pede, para acabar logo o curso, ou reforçando suas noções prévias porque ao fim, elas lhes servem para sobreviver nesta sociedade consumista. O professor deve ter o cuidado ao trabalhar com os adultos, para que a magia da multimídia não substitua as emoções e os sentimentos.

Ao estudarmos os conteúdos geográficos precisamos abranger os códigos de linguagens, que englobam conceitos ligados entre si como, lugar, região, espaço, paisagem, território e sociedade. Os primeiros objetos inseridos em sala de aula tinham uma visão conteudista, sem um olhar crítico.

Hoje em dia as diferentes linguagens como a fotografia, a cartografia, o desenho, o vídeo, as figuras, a música e a produção de textos devem servir de base para uma aprendizagem que prenda a atenção do aluno, por isso a Geografia não pode ser trabalhada isolada de outras disciplinas, mas relacionada com as outras áreas do conhecimento.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) em 2003 no Brasil, apenas 8,2% da população têm acesso à internet e outras tecnologias da informação, sendo inferior ao das nações como Kuwait (60%), Costa Rica (58%), Jamaica (57%), Argentina (54%), Uruguai (51%) e Chile (43%).

A Nigéria é a nação com o menor acesso digital entre as 178 pesquisadas. Os dez países com maior acesso as tecnologias são do continente asiático e europeu.

4 METODOLOGIA

A fim de alcançar o objetivo proposto neste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo, cujo método de análise é o qualitativo/ quantitativo com dez professores de oito colégios e centros de educação do município de Londrina, que ofertam a modalidade de educação para jovens e adultos.

Para Suertegaray (2009), a pesquisa de campo em Geografia é um instrumento de análise que permite o reconhecimento do objeto e, que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo. Lakatos e Marconi (2001) definem a pesquisa quantitativa – descritiva como uma investigação empírica, com o objetivo de conferir hipóteses, delineamento de um problema, análise de um fato, avaliação de programa e isolamento de variáveis principais. Segundo os autores, trata-se de uma pesquisa quantitativa que usa técnicas de coleta de dados, que podem ser entrevistas, questionários, formulários, etc.

O instrumento de coleta de dados escolhido é um questionário (anexo) com dez questões semi-abertas, com o objetivo de entender a atuação do professor nas aulas de geografia em relação à importância das tecnologias, bem como as transformações ocorridas no processo ensino/aprendizagem devido a sua utilização. Esse questionário foi enviado para o email dos professores, entre os meses de maio e julho de 2013 e após várias tentativas, todos responderam as questões.

Após a devolução dos questionários, os dados foram tabulados e representados por meio de gráficos com a porcentagem de professores que utilizam ou não os recursos tecnológicos em suas aulas. Os dados obtidos foram analisados e os resultados serão discutidos a seguir.

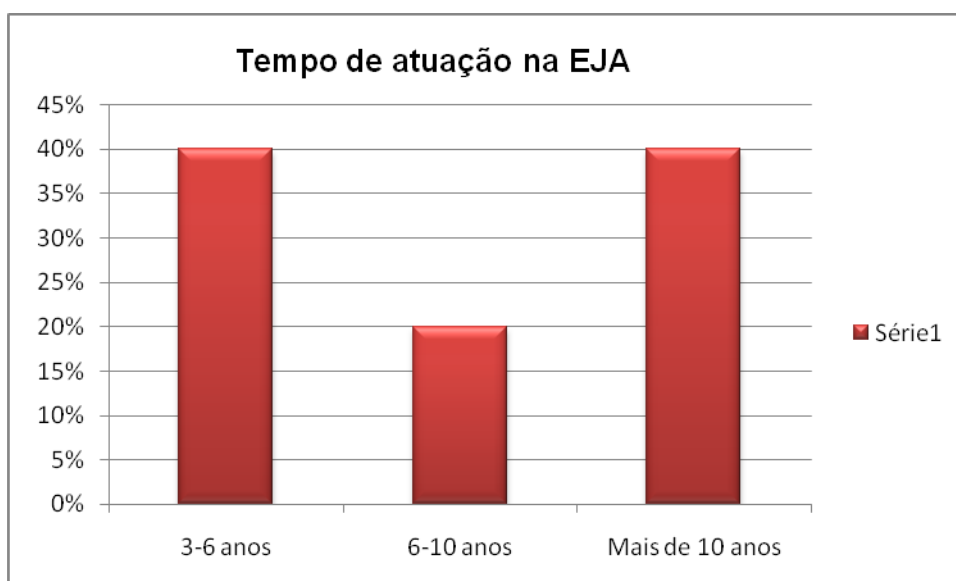
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa seção, apresentaremos os dados coletados na aplicação do questionário realizado com os professores da EJA.

Na questão 1 do questionário foi perguntado em qual instituição os professores de Geografia trabalham, os entrevistados responderam que atuam em Colégios e Centros de Educação que ofertam EJA, do Colégio Estadual João Sampaio (1 professor), do Colégio Estadual José Carlos Pinotti (1 professor), do Colégio Estadual Antonio Moraes de Barros(1 professor), da Escola Estadual Rina Maria de Jesus Francovig (1 professor), do Colégio Estadual José de Anchieta(1 professor),do CEEBJA Londrina (2 professores), CEEBJA Prof. Manoel Machado (2 professores) e do CEEBJA Herbert de Souza(1 professor).

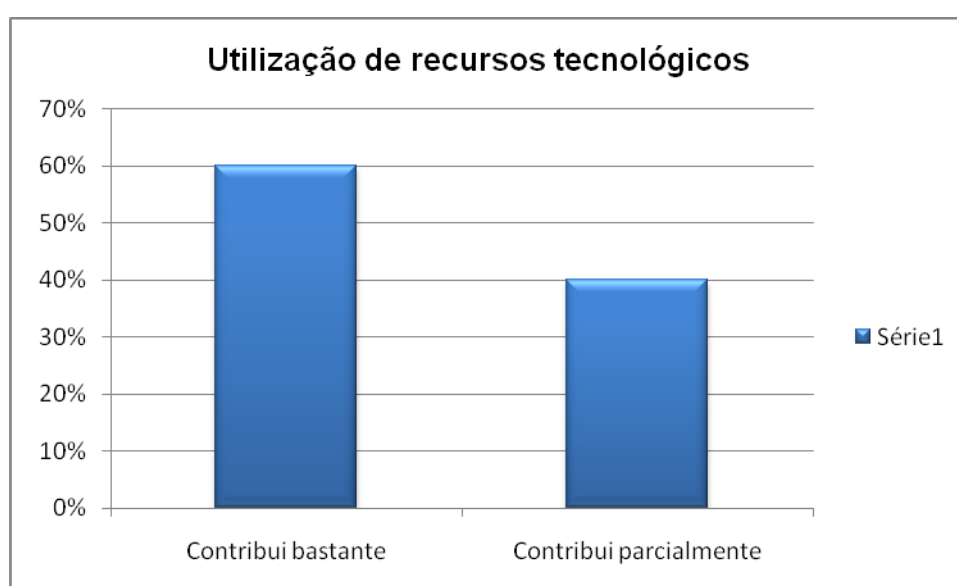
Em relação à segunda questão, foi perguntado quanto tempo os professores atuam na educação de jovens e adultos, pelas respostas pode-se concluir que a maioria dos professores entrevistados possuem experiência com alunos da EJA, evidenciando que não há rotatividade de professores de Geografia.

Gráfico 1
Fonte: da autora



A questão 3 buscou dados a respeito da assimilação dos conteúdos geográficos devido a utilização dos recursos tecnológicos, pelas respostas apresentadas e pelo exposto no texto percebemos que as tecnologias através de seus programas, principalmente os voltados à Geografia com imagens e mapas, faz com que os alunos assimilem melhor os conteúdos trabalhados.

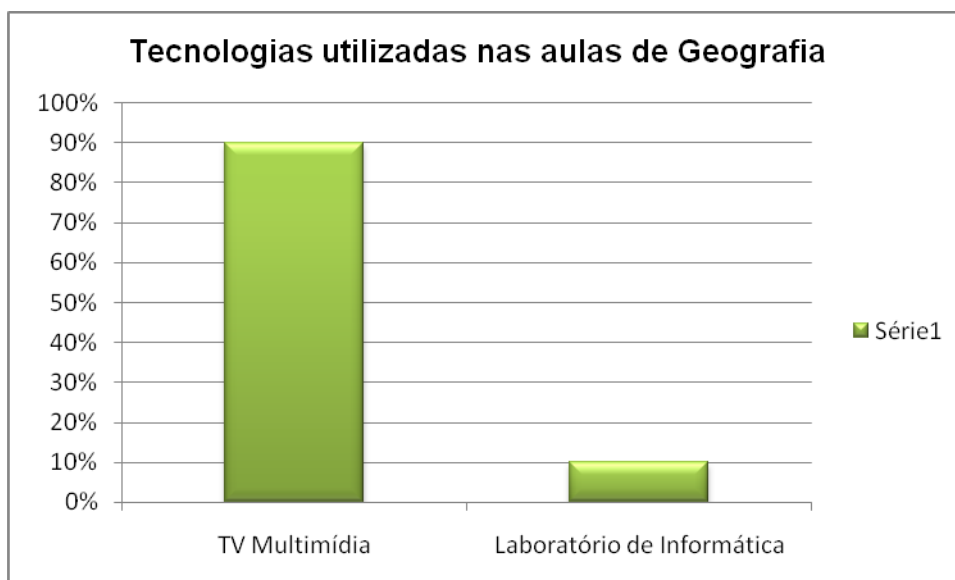
Gráfico 1
Fonte: da autora



Na 4ª questão foi perguntado quanto às tecnologias utilizadas nas aulas de Geografia, um dado importante é que a maioria dos professores utilizam a TV multimídia em suas aulas, pela facilidade da TV já estar na sala de aula, embora nas escolas sejam disponibilizados outros recursos. Quanto ao laboratório de informática, na maioria das escolas eles ficam fechados sendo usado somente pelo professor em sua hora-atividade. A direção das escolas não aconselha levar uma turma inteira para o laboratório devido ao número de alunos, pois o professor dificilmente dará atenção a todos.

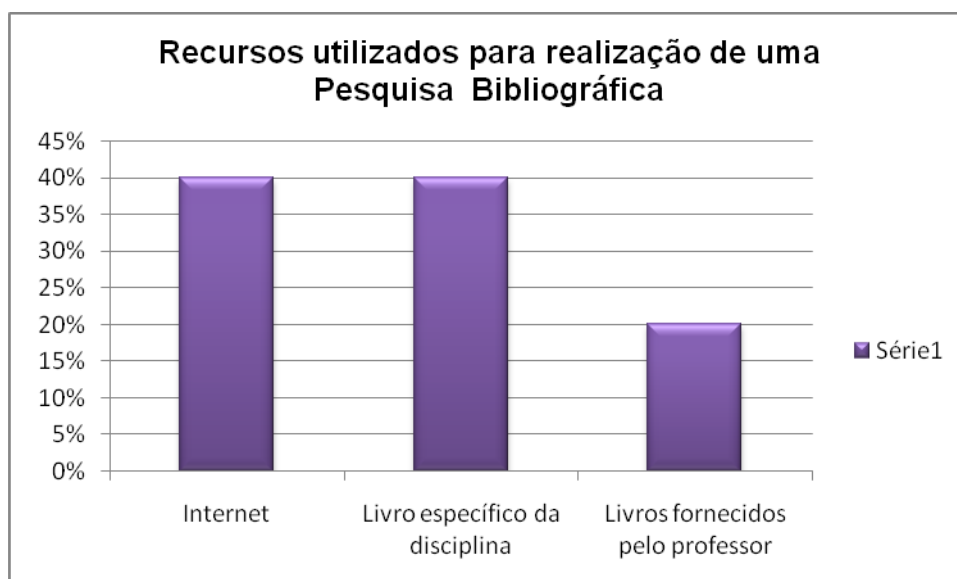
Assim, quando o laboratório é utilizado, a metade da turma fica com outra atividade em sala, ou tem que sentar em dois, o que não é adequado para a turma.

Gráfico 2
Fonte: da autora



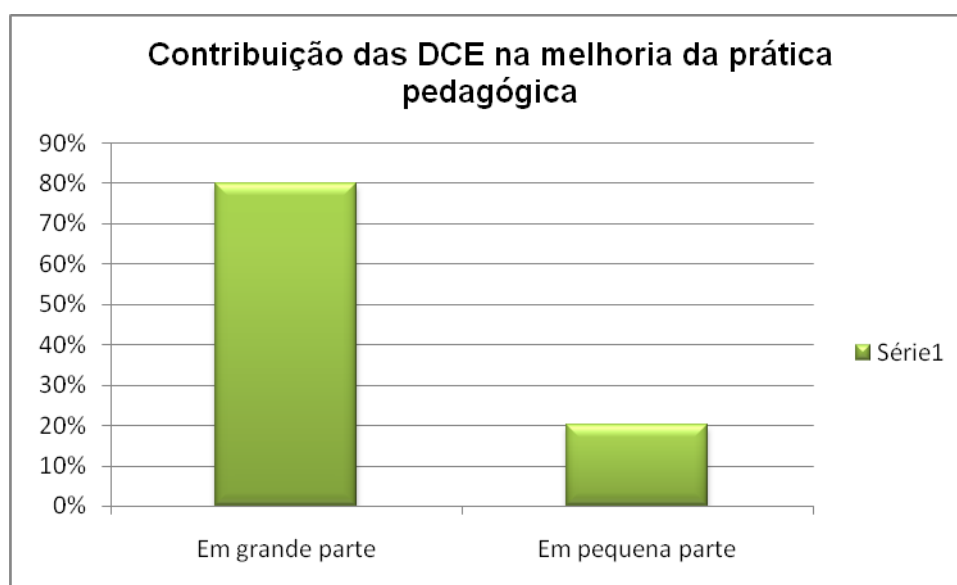
Na questão 5 foi perguntado aos professores quais os recursos utilizados pelos alunos para realização de uma pesquisa bibliográfica. Esse resultado mostra que nem todos alunos têm acesso a tecnologia em suas casas. Além disso, podemos concluir que os alunos da EJA são trabalhadores e estudam no período noturno, por esse motivo acabam utilizando livros da biblioteca da escola.

Gráfico 3
Fonte: da autora



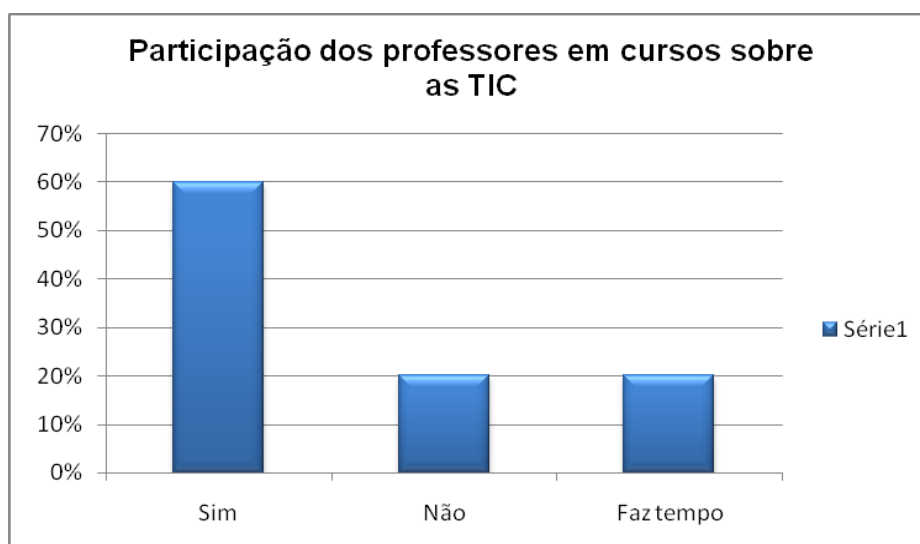
Na questão 6 foi perguntado quanto à contribuição das Diretrizes Curriculares da EJA para a prática pedagógica. Pela análise do gráfico, conclui-se que quase a totalidade dos professores de Geografia utilizam as Diretrizes na preparação de suas aulas, colaborando para a sua prática docente.

Gráfico 4
Fonte: da autora



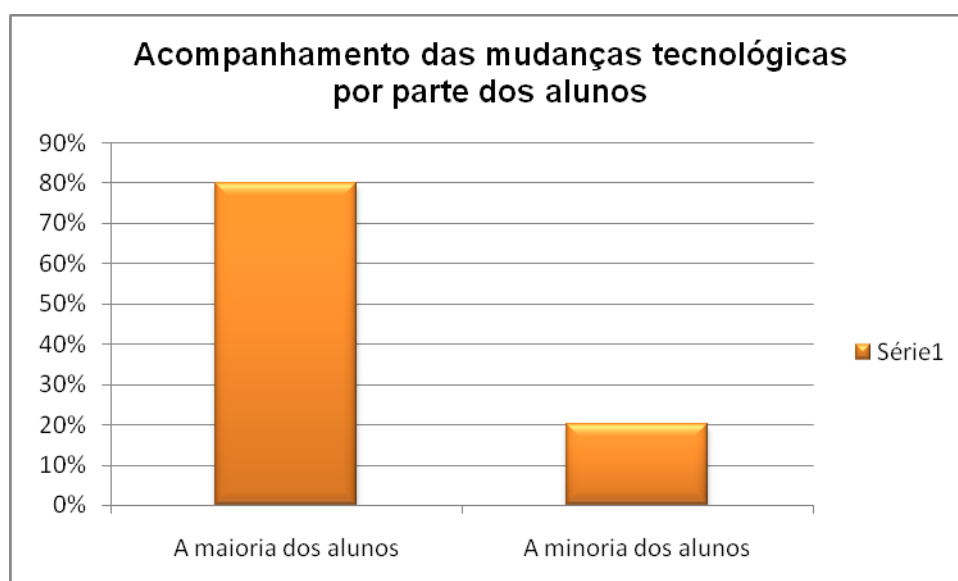
Na 7ª questão, quanto à participação em curso de tecnologia de informação e comunicação, pelas respostas dos professores verificou-se que mais da metade já participaram, facilitando assim a preparação de seus planejamentos, atividades e provas, bem como o manuseio dos recursos tecnológicos em sala de aula.

Gráfico 5
Fonte: da autora



Na questão 8 foi perguntado quanto ao acompanhamento das mudanças trazidas pelos recursos tecnológicos. Diante do exposto no gráfico, conclui-se que a maioria dos alunos têm procurado acompanhar as mudanças tecnológicas na sociedade e na escola. Percebe-se também que os alunos que freqüentam a EJA são jovens e apresentam maior facilidade no manuseio dos recursos tecnológicos.

Gráfico 6
Fonte: da autora



Na questão 9, os professores responderam sobre os pontos positivos e negativos em relação aos recursos tecnológicos aplicados em sala de aula, na disciplina de Geografia.

Pontos Positivos: Os alunos adquirem mais autonomia nas pesquisas pela Internet; assimilam melhor; apresentam maior facilidade em prender a atenção dos alunos, eles gostam de ir ao laboratório de informática, integração entre aluno e professor; possibilidade de diversificação de técnicas pedagógicas.

Pontos Negativos: Os alunos nem sempre acompanham os avanços tecnológicos; adquiriram o hábito de copiar e colar; os mais velhos encontram dificuldades na utilização do computador, contando com a ajuda dos mais novos.

Na questão 10, foi perguntado aos professores de Geografia sobre a faixa etária dos alunos da EJA, eles responderam que no ensino noturno encontra-se alunos maiores de 20 anos que não conseguiram concluir seus estudos e estão voltando por necessidade devido ao emprego. Geralmente são alunos entre 20 e 30 anos com privação de liberdade. No período vespertino, as escolas têm recebido alunos menores de idade, que não se enquadram no perfil da escola. No ensino médio, a maioria dos alunos já são maduros, com mais de 25 anos, em algumas escolas, segundo os professores, a metade da turma tem menos de 20 anos, estão fora da idade série, os que tem mais de 20 anos, pararam de estudar e só agora retornaram. As questões nove e dez foram subjetivas, os professores entrevistados responderam de acordo com a sua experiência em sala de aula.

No que se refere a escolha das metodologias deve-se levar em conta o recurso mais apropriado ao nível de escolaridade dos alunos. Portanto, diante das informações adquiridas na pesquisa, verificou-se que em algumas das escolas, os recursos mais comuns são o laboratório de informática e a disponibilidade do *data show*. Pelas respostas citadas acima percebemos que não é a tecnologia que vai resolver o problema da educação no Brasil, porém se for usada de forma adequada, pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi analisado o histórico da educação de jovens e adultos, bem como alguns documentos nacionais e estaduais, onde estão regulamentados o direito desses jovens e adultos retomarem seus estudos. Foram analisadas também qual a contribuição que as tecnologias da informação e comunicação trouxeram para as aulas de Geografia.

Além disso, os dados apontados na pesquisa proposta neste trabalho demonstram que a inserção das novas tecnologias na educação deve ser trabalhada para melhorar o aprendizado e atender às expectativas dos alunos adultos.

Diante disso, podemos observar o quanto o trabalho com a educação de jovens e adultos é complexo e o professor, por sua vez, necessita de auxílio para utilizar adequadamente as novas tecnologias para que esses alunos, que já foram excluídos do processo de ensino aprendizagem por algum motivo não sejam deixados de lado pela exclusão digital.

Desse modo, foram sugeridos alguns programas para trabalhar os conteúdos geográficos como o *Google Maps*, *Google Earth* e a cartilha digital, que podem ser considerados recursos importantes para representar a superfície do planeta, por esse motivo o professor deve iniciar seu conteúdo sempre pelo geral rumo ao particular. Com isso, o aluno pode dominar algumas referências de espaço, para saber orientar-se. Foi abordado também nesse estudo que as diversas mídias, como a Internet, as revistas, o jornal e a televisão exigem um olhar cada vez mais crítico dos alunos pelos interesses envolvidos por trás do que está sendo divulgado.

No atual período histórico, os professores devem reconhecer as contradições existentes, problematizando a abrangência dos conteúdos de Geografia, com o auxílio da tecnologia disponível nas escolas.

Assim, temos na Geografia quatro conteúdos estruturantes que direcionam o trabalho pedagógico. O primeiro deles é a dimensão econômica que se apropria da natureza transformando-a em produtos para o consumo. Essa dimensão envolve todas as outras análises do espaço geográfico.

O segundo é dimensão política, que engloba interesses relativos aos territórios e às relações de poder. O terceiro é a dimensão socioambiental, entendendo o ambiente pelos aspectos sociais e econômicos. E a terceira é a dimensão cultural e demográfica, que aborda a circulação de pessoas e informações, bem como as transformações ocorridas com a tecnologia no modo de vida dos alunos da educação de jovens e adultos.

Assim, tanto no ensino regular quanto na educação de jovens e adultos, os conteúdos estruturantes serão fundamentais para a organização dos conteúdos específicos. Quaisquer conteúdos apresentados para os alunos devem desenvolver o raciocínio espacial, proporcionando que o estudo do local auxilie a compreensão do mundo contemporâneo.

Concluindo, os recursos tecnológicos podem ser utilizados em todas as turmas, proporcionando uma nova experiência ao aluno adulto fazendo com que ele tente superar as barreiras impostas pela idade, através de acertos e erros, reduzindo assim, a exclusão escolar entre essas pessoas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Teoria da Semicultura**. Educação & Sociedade. ano XVII, n. 56, dez.1996.

ARROYO, Miguel. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão**. Alfabetização e Cidadania, São Paulo: RAAB, n.11, p.9-20, abr. 2001.

_____. **Formação de Educadores da Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica,,SECAD MEC, 2006.

ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini, **Educação à distância: formação de professores em ambientes virtuais colaborativos de aprendizagem**. São Paulo, 2001.

ÁVILA Patrícia: **A Literacia dos Adultos: Competências – chave na sociedade do conhecimento**, (Tese de Doutorado) Julho, 2005.

BEDOYA, Maria Julia Alves, TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza, **Perfil dos professores da Educação de Jovens e Adultos** - Athena: Revista Científica de Educação – v. 10, n. 10, jan. jun. 2008. Curitiba: Editora Gráfica Exponente, 2008.

BOVO, Vanilda Galvão. **O uso de computador em educação de jovens e adultos**, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Seção V, p.13, 1996.

BRASÍLIA, **Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica**, Parecer 11/2000, p.3, 2000.

BRASÍLIA, **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Secretaria de Educação Fundamental,1997.

BRISKI, Sandro José, LUZ, Durigan, **Aplicação didática para o Ensino da Geografia através da construção de maquetes**, 2011.

CALLAI, Helena Copetti – **O ensino da geografia, recortes espaciais para análise geográfica em sala de aula- práticas e reflexões**, 2003.

CURTO, Viviane. **Trabalhando com o computador na EJA: uma análise dos relatos das práticas pedagógicas em meio digital com jovens e adultos**, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo : Ática, 2000.

FAGUNDES, Léa, **Tecnologias na escola**, diálogos com professores, fronteiras educação, 1ª edição, Porto Alegre, 2010.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa** – São Paulo, Paz e Terra, 23ª Edição 2002.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E., **Educação de jovens e adultos, teoria, prática e proposta**. Instituto Paulo Freire,, Editora Cortez, São Paulo, 2008.

GROS, B.M, SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**, São Paulo, Hucitec, 1996 p.140.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**, Editora Atlas, 2001.

LÉVY, Pierre, **Cibercultura**, São Paulo, Ed. 34, 1999.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** CEREJA, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Caminhos pedagógicos da educação inclusiva**. In: GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob (orgs.). . 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2004. p. 79-94.

MARQUES, Valéria. Reflexão sobre o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **Simpósio de Geografia**. Rio Claro, SP, 2008.

MORAN, José Manuel, **Novas tecnologias e o reencantamento do mundo**, 1995.

_____, Texto publicado nos Anais do 12º Endipe- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – **Conhecimento local e conhecimento universal: Diversidade, mídias e tecnologias na educação**. Vol 2, Curitiba, 2004.

NASCIMENTO, José Eranildo Teles, **Estudos investigativos sobre a influência das novas tecnologias na educação e na qualidade de vida dos adultos**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

OLIVEIRA, Ari Batista de, 1999, **Andragogia, Facilitando a aprendizagem. Educação do trabalhador**, v.3, CNI- SESI

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino, **Para onde vai o Ensino de Geografia?** Editora Contexto 2010, 9ª Edição.

PARANÁ. **TV Pendrive. 2007.** Disponível em http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/arquivos/Image/conteudos/textos/comousar_tvpendrive.pdf >. Acesso em: 16 set. 2013

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná:** Curitiba: SEED,2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Geografia da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná:** Curitiba: SEED,2008.

PERFEITO, Cátia Deniana Firmino, **Planejamento Estratégico como instrumento de Gestão Escolar.** Brasília, 2007

PERRENOUD, Philippe, **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

POSTMAN,N. (2002). **O fim da educação. Redefinindo o valor da escola.** Tradução de C.Alcobia. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

SANTAELLA, L (1992). **Cultura das mídias** (2ª Ed.1996) SP: Experimento.

SACRISTÀN, José Gimeno. **O currículo como confluência de práticas: uma reflexão sobre a prática.** In: SACRISTÀN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática.Porto alegre: Artmed, 2001, p. 101-106.

SOUZA, M. A. **Educação de jovens e adultos.**Curitiba: IBPEX, 2007.

SILVA, Ana Maria, PESSOA, Mara Peixoto. **Recursos Didáticos e inovações tecnológicas no Ensino de Língua Estrangeira Moderna - PDE 2008/2009.**

SILVA, Débora Macedo, **A produção de vídeos na educação de jovens e adultos em uma perspectiva sócio- construtivista.** UNEB, Salvador 2011.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Pesquisa de campo em Geografia.** *Geographia*, v. 4, 2002.

TOMITA, Luzia Mitiko Saito. **Os desafios de aprender e ensinar geografia.** In: ASARI, Alice Yatiyo; MOURA, Jeani Delgado Paschoal; LIMA, Rosely Maria de. **Múltiplas geografias: ensino, pesquisa, reflexão.** v. VII, Londrina: UEL, 2012.

<http://pt.scribd.com/doc/9196803/Estudantes-Nativos-Digitais-Tabela> - Marc Prensky
Acesso em 31 Ago 2013.

<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/galeria>- acesso em 26 Nov. 2013.

TAGNIN, Fábio. Computação 1 a 1: **o desafio de guiar os nativos digitais**. Blog de Educação digital da Intel. Disponível em:

http://blogs.intel.com/educacaodigital/2008/07/computacao_1_a_1_o_desafio_de_guiar_os_nativos_digitais.php > Publicado em: 18 julho 2008. Acesso em 18 set. 2013.

VASCONCELOS, Celso. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. Cadernos pedagógicos do Libertad, n.3, São Paulo, Libertad, 14. ed., 1994.

KENSKI, Vani M. **Processos de interação e comunicação no ensino mediados pelas tecnologias**. In: ROSA, Dalva E.G e SOUZA, Vanilton C. Didática e prática de ensino – interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.254-264.

Questionário adaptado de Angélica Torres, aluna do Centro Universitário de Maringá-PR (em anexo).

ANEXO

Questionário relacionado a Tecnologia Educacional para alunos da EJA

Este formulário on-line apresenta um questionário que faz parte de uma pesquisa que visa identificar a contribuição dos recursos tecnológicos no processo de ensino para alunos da Educação de Jovens e Adultos, na disciplina de Geografia. Após análise, esses dados servirão para subsidiar na produção de uma monografia para conclusão do curso de Especialização em EJA.

Agradeço pela sua contribuição

1. Instituição onde trabalha? *

2. Quanto tempo de atuação na EJA? *

- 0-3 anos
- 3-6 anos
- 6-10 anos
- Mais de 10 anos
- Outro

3. A utilização de recursos tecnológicos para o preparo de suas aulas tem contribuído para a assimilação do conteúdo trabalhado? *

- Sim
- Não
- Parcialmente
- Indiferente
- Outro

4. Quais tecnologias abaixo são utilizadas em suas aulas? *

- TV Multimídia
- Data show
- Laboratório de informática
- Projetor de slides
- Nenhum dos itens

5. Atualmente para os alunos realizarem uma pesquisa bibliográfica, quais recursos eles utilizam? *

- Biblioteca
- Internet
- Livro específico de sala de aula
- Fornecidos pelo professor

6. As Diretrizes Curriculares Estaduais da EJA tem colaborado para melhoria de sua prática pedagógica? *

- Sim
- Não
- Em grande parte
- Em pequena parte

7. Você já participou de algum curso de capacitação em Tecnologias da Informação e Comunicação? *

- Sim
- Não
- Faz tempo
- Nunca fez

8. Os alunos da EJA tem conseguido acompanhar as mudanças que os recursos tecnológicos tem trazido para escola e para vida deles? *

- A maioria dos alunos

- A minoria dos alunos
- A metade da turma
- Não conseguem acompanhar
- Outro

9. Em relação aos recursos tecnológicos aplicados em sala de aula, cite os pontos positivos e negativos. *

10. Em suas turmas de EJA tem mais alunos jovens (com menos de 20 anos) ou mais adultos (com mais de 20 anos), por qual motivo? *